



# #POEMAS NA REDE

---

#POEMS ON NETWORKS

Margarete Maria Soares Bin<sup>1</sup>  
*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir sobre o gênero poemas digitais que circulam na internet e em decorrência disso pensar na formação do leitor jovem. Para tal, são apresentados conceitos importantes como: conhecimentos em rede, poesia digital, hipertexto, multimodalidade, ciberespaço e o perfil do leitor da atualidade. Assim, várias leituras relacionadas ao tema foram discutidas e o que se constata é que esta inovação tecnológica pode ser um meio para formar leitores do Ensino Médio, já que esses jovens fazem frequentemente uso dos meios eletrônicos e tem familiaridade com esses aparatos.

Palavras-Chave: Poemas digitais; Leitor jovem; Ensino médio.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: margarettesbin@yahoo.com.br.

---

**Abstract:** *This article aims to discuss the genre of digital poems that circulate on the internet and, as a result, think about the formation of the young reader. To this end, important concepts are presented, such as: network knowledge, digital poetry, hypertext, multimodality, cyberspace and the profile of today's reader. Thus, several readings related to the theme were discussed and what is found is that this technological innovation can be a means to train high school readers, since these young people frequently use electronic media and are familiar with these devices.*

Keyword: *Digital poems; Young reader; High school.*

## INTRODUÇÃO

As pessoas fazem parte dos “nós” na rede mundial de computadores da qual elas participam. A rede pode ser encontrada em muitas áreas do conhecimento. Nesse emaranhado, o sujeito seleciona de qual rede quer fazer parte dependendo daquilo que tem interesse. Para explicar como essa trama é tecida, colhe-se as opiniões de Antonio (2008):

A ideia de rede é uma imagem emergente para a representação do conhecimento, inspirada, em grande parte, nas tecnologias informacionais. Nessa perspectiva, conhecer é como enredar, tecer significações, partilhar significados. Os significados, por sua vez, são construídos por meio de relações estabelecidas entre os objetos, as noções, os conceitos. Um significado é como um feixe de relações, por sua vez, articulam-se em uma grande teia de significações e o conhecimento é uma teia desse tipo. (ANTONIO, 2008, p. 74).

Observa-se que a teia é composta de dezenas de milhares de sub-redes, elas mesmas conectadas a redes chamadas de “espinhas dorsais” ou “redes federativas” (ANTONIO, 2008, p. 306). É, pois, entrelaçadas no ambiente virtual que as pessoas participam ativamente, configurando, muitas vezes, tais espaços como local de aprendizagem. Embrenhadas no universo interativo “também a arte e a literatura vêm sofrendo drásticas mudanças, inclusive propiciando a emergência de novos gêneros, alguns dos quais compõem uma poética exclusivamente virtual” (PEREIRA, 2013, p. 174). Assim, as poesias digitais surgem como uma arte mediada pelo digital.

---

## 1 A MULTIMODALIDADE NA POESIA

A poesia digital é a poesia traduzida em dígitos, o que faz dela hábil para transitar no espaço tecnológico. Os leitores podem ser atraídos pelo o que de diferencial ela oferece. Em se tratando de poesia digital Rui Torres retrata:

Poemas são sempre cruzamento, intercâmbio, troca, diálogo. Produzindo em arco-íris: e o arco luminoso criado, esse caminho e mediação entre o céu e a terra, aparece como ponte entre mundos. Poesia como escada, em diálogo com a tradição e com o futuro. Poesia processo. Fusão expressiva de vozes comunicantes, em canto paralelo. (TORRES, 2017)

Uma mescla, o hibridismo da poesia é o que se apresenta, graças à atuação do próprio leitor e com as opções proporcionadas pelos criadores. “[...] A máquina é apenas uma extensão da vontade do poeta” (IRBY, 2018, p. 12)<sup>2</sup>.

A palavra mantém a sua força para transmitir as emoções, as ideias, mas agrega-se a ela o ambiente em que transita, os meios utilizados, como por exemplo o uso do teclado e do *mouse* para conduzir as ações, a interatividade com o aparelho eletrônico. Eis a relevância desse contato direto do leitor com a máquina, que tem o poder de arrematá-lo ao universo paralelo, proporcionando a sensação de imersão. Além do mais, é uma maneira de aproximar os jovens da poesia.

No poema digital pode haver cor, imagens, ritmo, sons, movimentos e interatividade, ou seja, um conjunto de recursos semióticos. Assim, há a disponibilidade de mais funções ao leitor, combinando vários estilos, em mutação contínua. O poema digital é um convite para o leitor interagir, é como se o chamasse por meio das estratégias que o beneficiam e com efeito capturar o

---

<sup>2</sup> “[...] the machine is only an extension of the poet’s will”.

---

leitor. “Ler significa ramificar-se, espalhar-se indeterminadamente” (COUTO, 2016, p. 43).

Nesse sentido, o formato da leitura passa a ser outro, com possibilidades diferenciadas de construção dos saberes e centralizado no ambiente virtual. Existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons esses que no ocidente receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo (SANTAELLA, 2005, p. 1-2). Alinhando-se os fios, detecta-se que dentre os recursos utilizados pela poesia digital está a multimodalidade, o trajeto inusitado de leitura por meio dos hipertextos e principalmente por recursos interativos. A multimodalidade (múltiplos e diversificados recursos de construção de sentidos) das obras de arte digitais desafia os escritores, os usuários e os críticos a reunir diversas especialidades e tradições interpretativas para que as estratégias estéticas e as possibilidades de literatura eletrônica possam ser compreendidas, em seus atributos, como hipertexto, no que Lévy defende como:

Um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. (LÉVY, 1993, p. 3)

No hipertexto, ao clicar sobre o que se deseja, tem-se à disposição várias opções com mais rapidez, exigindo maior envolvimento de todos os sentidos do corpo nesse processo. Numa obra hipertextual a reunião de vozes e olhares, é subversiva em relação ao monologismo, no qual um único sentido se sobressai. Construído na soma de muitas mãos, e aberto para todos os *links* e sentidos possíveis, o hipertexto contemporâneo é, de certo modo, uma versão da polifonia

---

que Bakhtin buscava; e, portanto, uma possibilidade para o diálogo entre as diferentes vozes, para a negociação dos sentidos, para a construção coletiva do pensamento (RAMAL, 2012).

A tecnologia facilita a expressão da multiplicidade de vozes, possivelmente a interação no espaço virtual provoque a identificação com o outro, num movimento entre o eu e o outro. Essa mobilidade do sujeito que se une a mobilidade da rede origina um perfil de leitor inédito. Em outras palavras, o leitor-navegador não lê como o leitor de livro por justamente apresentar o fragmentário, o combinatório e o não linear. Como se vê:

Existem basicamente duas dificuldades em escrever um texto sequencial: decidir sobre sequência-- há tantas conexões possíveis! – e decidir o que fica dentro e o que fica fora. Estes dois problemas desaparecem com o hipertexto. Você não tem mais que decidir sobre sequência, mas sobre estrutura de ligação, que fornece uma flexibilidade muito maior. Você não tem mais que decidir o que fica dentro ou fora, mas simplesmente onde colocar as coisas no labirinto que pode ser procurado. (NELSON, 1993, p. 1)<sup>3</sup>

Alinhada a essa noção de hipertexto Hayles (2012) atesta que *links* de hipertexto, hierarquias de exibições de tela, guias de *home page* e daí por diante, todas contribuem para a construção do significado. “É uma tessitura inacabada, permanente, diversificada, emergente, criativa, móvel, significativa, plural, viva” (LÉVY *apud* LIMA JUNIOR, 2005, p. 152). O leitor tanto pode influenciar como ser influenciado num “roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com nós” (SANTAELLA, 2007, p. 33). Essa prática fluida é potencializada por diversas experimentações técnicas numa intersecção de linguagens, numa mistura de estética com tecnologia. A essas

---

<sup>3</sup> There are basically two difficulties in writing sequential text: deciding on sequence--there are so many possible connections! – and deciding what’s in and out. Both of these problems go away with hypertext. You no longer have to decide on sequence, but on interconnective structure, which provides much greater flexibility. You no longer have to decide what’s in or out, but simply where to pote things in the searchable maze.

---

urdiduras dos fluxos das linguagens hipermidiáticas que povoam as redes digitais fixas e móveis de comunicação Santaella (2007) denomina de linguagens líquidas. De tal modo, “as mídias cruzam-se, aglutinam-se, dialogam, condicionam-se e referem-se umas às outras, que novos objetos surgem diante de seu leitor” (DOMINGOS, 2015, p. 152). O local para essa convergência é o ciberespaço. À luz desse estudo, Santos fundamenta:

Daí nossa escolha em andar pelos caminhos da poesia eletrônica, essa que é feita, desfeita e refeita no ciberespaço apreendendo deste as nuances da interatividade (homem-máquina, homem-homem, máquina-máquina) e da iteratividade (essa retomada incessante de dados e rotinas que deve exaurir o processo antes de cansar o usuário). Em outras palavras, propomos utilizar a perspectiva literária para delimitar um objeto – a Rede – inserido em um novo campo de sentidos e de possibilidades – o ciberespaço –, mapeando um objeto cultural não mais limitado necessariamente ao campo literário. (SANTOS, 2003, p. 21)

À vista de tudo isso encontra-se um processo de recodificação das linguagens transformando a poesia digital, conforme o raciocínio de Menezes e Azevedo (1997, 1998, apud ANTONIO, 2008). A conexão de signos será a base para esta criação e para as leituras que o indivíduo fará com o uso da máquina. Será a ferramenta para que ele (indivíduo) possa manipular/interferir na criação do poema digital ou, como escreveu Antonio,

Assim, a palavra, essência da poesia, negocia: com imagens e grafismos da letra e da palavra manuscrita ou manipulada graficamente e interfere neles, para a produção da poesia visual; com o som para produzir efeitos sonoros (poesia sonora); com animação para produzir a poesia animada, para que essa transformação, leitura/releitura, aconteça. (ANTONIO, 2008, p. 24)

Nesse intrincamento, “a imagem, o movimento, a interatividade, a linguagem de programação passam a ser a regra para balizar o que é poema digital e o que não é poema digital” (LAIN, 2013, p. 96). Levando em conta tais colocações, não há como negar que as linguagens, os códigos e os suportes

---

encontram-se em uma circunstância de pluralidade diferenciadas. As pessoas se deparam imersas nesse imbricamento por entre códigos, gêneros e meios.

Como se percebe, em todas as demandas de um texto no qual se navega, e se atua como um *singleplayer* (tomou-se emprestado para este estudo da leitura digital esse termo do universo dos jogos, o qual remete a participação de um único jogador humano), a poesia em ambiente digital avança no que jamais houve de fechado na leitura de um poema; os leitores contam com a interatividade e a relevância da leitura se encontra justamente no percurso da navegação que pode promover diversos tipos de leitura em campos variados. Cabe aqui registrar o perfil do leitor que se delineou com os novos espaços da virtualidade, referenciando Santaella (2007), o leitor da era digital, considerado imersivo, virtual, o qual conecta-se entre nós e labirintos que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nexos que transitam em textos, imagens, músicas, vídeo. É adequado descrevê-lo como o sujeito que passeia por várias dimensões de conteúdos através desses nós que os unem, nesse ambiente pode haver uma leitura que não tem fim, que entrecruza os dados com outros textos, os compara e gera um terceiro ou um quarto conteúdo. Desse perfil de leitor, encadeia-se o seguinte, pode-se denominar de leitor ubíquo, um tipo de leitor que está circulando pela rua, escola, casa e, no simples toque do dedo no celular, pode falar com pessoas próximas ou muito distantes, com poucas pessoas ou várias, conectar-se em mais de uma tarefa ao mesmo tempo e com rapidez sem perder a noção de sua presença física no espaço em que se encontra, dissolvendo-se, por conseguinte, as fronteiras/separação do físico e virtual.

Entretanto, para quem nasceu em uma sociedade que mantinha como exclusivo o livro impresso como suporte, a tarefa de se adaptar a um novo instrumento de leitura desarraigando-se de um anterior não é nada fácil. Essa ocasião pode tornar-se mais simples para aqueles que estão imersos nas possibilidades de práticas leitoras nesse novo suporte desde que nasceram. Para

---

eles esse novo suporte não os assusta, os velhos suportes é que causam estranhamento (ARAÚJO, 2016).

Pensando especialmente nesses leitores com certo conhecimento eletrônico é que a recepção crítica desse tipo de texto é feita por meio de discussões do software usado, dos recursos de combinação e dos parâmetros utilizados na máquina para o resultado a que se chegou. Nesta direção, o texto torna-se um experimento *in progress*, um possível e contínuo rearranjo de letras, palavras e frases. Elas passam a disputar espaço – e comumente perdem-com números e sinais gráficos. O uso desses sinais gráficos origina paisagens, conjuntos de texto que formam desenhos, perante os quais a leitura oscila entre a sequência de letras, os sons e a *landscape*, quase como uma plantação de sinais diacríticos ou um deserto pontuado de arbustos. O que pode ser elencado, conforme Antonio (2008), é a tendência a uma poesia generativa:

produzida através de programas geradores ou modificadores de texto, *parsers*, codificadores a partir de parâmetros arbitrários ou não. Os resultados desse processo têm uma tendência a serem proliferantes e mesmerizantes. Proliferantes porque as possibilidades de combinação – se aberta as variáveis para além da língua usada e mesmo na própria língua – tendem ao infinito. Mesmerizantes porque é difícil emitir juízos sobre uma produção cujo principal princípio construtivo é gerado a partir de um processo maquínico aleatório. Curiosamente, porém, como costuma se descrever a propósito de sistemas caóticos nas ciências, podem se tornar tão interessantes quanto a mais curiosa produção de escrita automática surrealista. (ANTONIO, 2008, p. 94)

Ademais, a poesia digital prescinde da página impressa. A par disso, Ferreira (2010) aborda que a referida poesia sai da fixidez que prepondera na espacialidade do papel e se abre em termos de linguagem, sugerindo traços importantes como a mobilidade, a multiplicidade, adaptabilidade, plasticidade, não linearidade, interatividade, entre outros. Para isso, explora-se texturas, grafismos, movimento e imersão. Ainda, segundo a autora, a poesia digital se diferencia das outras manifestações em poemas com que divide espaço pela sua



---

sustentação em procedimentos de linguagem próprios do meio informático, não se tratando de uma mera utilização das ferramentas computacionais, mas de suas implicações no modo de ser do texto poético. Para Rui Torres (2017) “uma espécie de poesia-amor-leitura à procura do novo nos convoca”. Ainda, o autor afirma:

Passagens entre mundos, do conhecido ao desconhecido, da luz à treva. A rede aparece ao poeta digital com as suas portas fechadas. A poesia responde: «Abre-te, Sésamo!». procurando um novo alfabeto, um novo corpo-linguagem. Atravessar não é apagar, nem negar, a presença do meio, ou do acto de mediação: a poesia digital implica, pelo contrário, um acentuar da materialidade do suporte, articulando de um modo expressivo as várias linguagens que a constituem, afirmando o caminho. Essa é a expressividade última das linguagens em que se cruzam as imagens e as artes: o fascínio pela construção. (TORRES, 2017, p. 3-4)

Nesse ambiente digital, as imagens, as palavras e o som formam o texto, podendo haver o predomínio de um deles; mas o significado será determinado pelo conjunto desses elementos nessa intrincada rede de nós, pois como observa Yunes (2009, p. 71) somos vários leitores em um só, que temos modos de ler que variam do “solitário” ao “solidário”.

“É nesse fluxo vivo e grupal que leitores e escritores da era digital constroem as suas deslizantes subjetividades em meio aos contínuos lidos e relidos, escritos e reescritos” (COUTO, 2016, p. 44). Essa riqueza de leituras e escritas exigem “letramentos múltiplos” (ROJO, 2009) com outras dimensões, em rede, com diferentes tipos de conexões. “Nenhuma rota é dada ou definida. Tudo é busca, aventura e construção” (COUTO, 2016, p. 53). Tal constatação aproxima-se de Witte (2008):

Somente na tela do computador é que as palavras perdem sua consistência, mostram-se como “um turbilhão de letras cambiantes, coloridas e flutuantes”. Somente aqui, onde não permitem mais que nenhum fruto da árvore do conhecimento amadureça, é que elas exibem toda a sua agressividade e voracidade, que é sugerida pela imagem da nuvem de gafanhotos. (WITTE, 2008, p. 294)

---

Portanto, seja através de trabalhos artísticos que utilizam avatares e que fomentam uma espécie de duplicação do sujeito, seja por meio de criações compartilhadas em rede, o sujeito traspassado pela interface, ou o sujeito interfacetado é um sujeito intimado a redefinir-se continuamente: um sujeito em trânsito, o constante vir a ser, onde a relação entre o Eu e o Nós é colocada o tempo todo à prova (ANTONIO, 2008, p. 336). Essa ligação permite dizer que a prática de leitura em rede pode ser um elo entre o sujeito e o mundo, proporcionando laços de identificação não só com o conteúdo como também pelos artefatos digitais que estão espalhados na sociedade. Pautados pelos sentidos e pelas mudanças que ocorrem, os poemas digitais tornam-se uma possível ponte, entre outras, para formar leitores nos meios educacionais.

## 2 O AMBIENTE POÉTICO DIDITAL E A FORMAÇÃO DO LEITOR JOVEM

Com a disseminação do uso da internet e o avanço da convergência das tecnologias digitais, em ambiente de comunicação em rede, torna-se possível a leitura de mobilidade conectada. Essa cultura digital, diferente das anteriores, dá a possibilidade de a leitura ser ampliada para outros contextos. Assim, numa mescla de linguagens, a poesia digital oferece ao leitor o manuseio desse objeto artístico diferenciado e por meio de sua participação compor os sentidos.

Há que se considerar, então, que a leitura nesse ambiente acarreta diferenças no comportamento e nas formas de leitura. Desde então, as transformações exigem um olhar cuidadoso da escola, especialmente do professor de Literatura no Ensino Médio que precisa adaptar-se aos novos modos de fazer literatura, já que uma boa parte desse perfil de estudante tem acesso aos meios eletrônicos e o faz com frequência. O grupo específico apontado também é um dos pontos tratados por Sales (2009, p. 2), para o autor “falar de juventude e das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) implica em

---

percorrer um território sempre em fluxo”. Imersos no universo tecnológico os jovens utilizam os aparatos digitais para atividades de seu interesse. Logo, apura-se que ao fazer uso desse ambiente, é preciso que a escola escolha atividades que sejam profícuas. Para o contexto escolar, os poemas digitais oferecem múltiplas maneiras de interação para acolher esses estudantes dentro de um território amplamente diversificado. Como discute Kirchof (2008, p. 7) “a poesia digital permite realizar experimentos que abrangem desde a mera animação computadorizada até hibridismos com a música eletrônica e com clips televisivos”. Certamente, é alcançável explorar a dimensão estética e tecnológica, nesse prisma é relevante as contribuições de Kirchof:

A poesia digital, portanto, sendo um produto cultural possível unicamente a partir da cibercultura, permite não apenas perceber inúmeras nuances da cultura digital: enquanto objeto que se pretende artístico, a poesia digital é capaz de levar o receptor a uma experiência de fruição. (KIRCHOF, 2008, p. 10)

Nesse ambiente com característica lúdica, o leitor é convidado a usar os poderes concedidos pela atividade. Dependendo do poema há maior liberdade do leitor interferir, em alguns há menos permissão e, ainda, em outros apenas uma breve participação é oferecida. Contudo, “não podemos entender a criação digital como uma criação sem precedentes, como algo que surge espontaneamente, pois ela, como toda forma de expressão, se insere dentro de um contexto histórico-cultural e dialoga com outras obras que a antecederam” (TAVARES, 2010, p. 14). Vale lembrar que o uso da tecnologia para compor esse texto digital tem familiaridade com a intenção oferecida pela poesia concreta e tecnológica. No entendimento de Carvalho (2007), os procedimentos entre eles são semelhantes, com relação à distribuição não linear dos signos verbais na página, a utilização de diversos tipos gráficos, a sintaxe desmembrada, a exploração das formas geométricas, estruturas anagramáticas, incorporação de

---

elementos pictóricos, participação do leitor, uso da cor. Unem-se a isso o movimento e o som.

O jovem tem a disposição elementos que podem ser diferenciais no ato da leitura e com a facilidade com que acessam a esses meios, torna-se uma estratégia o uso dessas poéticas na sala de aula. A escola não pode ficar distante desses aparatos e ao mesmo tempo precisa pensar em utilizá-los de forma pedagógica, o que significa aqui nesta proposta a leitura em ambiente interativo. Pelo meio digital há a subversão e um *craft*<sup>4</sup>, de uma forma de criação técnica para fins estéticos (TAVARES, 2010, p. 24-25). Essa arte permite fazer escolhas e essas para Marcuschi (2005, p. 25) “vão gerar caminhos diversos para cada leitor, de modo que as leituras, no caso do hipertexto, estão sujeitas a uma variabilidade muito maior do que no caso dos textos impressos”. Assim, a leitura por meio do hipertexto, não deixa de ser um ato de escrita. É o que ocorre com os poemas digitais, a forma diferenciada de interagir com o poema torna admissível construir o sentido e sentir-se construtor do texto. Além do mais, ao se trabalhar com as palavras, as imagens, os sons, há margem para a emoção, levando o leitor à reflexão, condizente com a faixa etária que estão vivendo. Nos escritos de Petit (2008) verifica-se que a leitura ajuda a nomear os estados pelos quais esses jovens estão passando, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor. Ela toca o mais profundo da experiência humana, a busca de sentido. Assim, a musicalidade da linguagem permanece, o ritmo torna-se mais perceptível, podendo instigar a querer mais leitura.

Por isso é preciso a disponibilidade do docente, principalmente da área de literatura, para conhecer esses recursos tecnológicos e assim dialogar com o jovem. A escola enquanto instituição preocupada com a socialização dos adolescentes, precisa se aproximar da tecnologia a favor do ensino.

---

<sup>4</sup> Técnica de fazer, a arte é um *craft*.

---

A velha ossamenta (as rotinas internalizadas que os docentes aprendem) está em conflito com uma pedagogia na qual a preocupação principal é ajudar os alunos a chegarem a suas próprias respostas, a explorarem horizontes de possibilidades, a levarem adiante compreensões iniciais e torná-las interpretações mais profundas. Para nos sentirmos mais confiantes profissionalmente, precisamos de “nova ossamenta”. Precisamos conhecer as opções disponíveis para uso na sala de aula, em resposta ao que os alunos fazem e dizem. (LANGER, 2005, p. 133)

Diante dessa diversidade de escolhas que a internet proporciona, a escola precisa continuar a ensinar a ler, interpretar textos literários e, além disso, articular a escola com a sociedade conectada, ensinando a ler, a ter o domínio das formas de textos que se circulam na internet.

Fica evidente, que o uso da tecnologia pode promover o diálogo com a literatura, face a isso, Lévy acredita que a tecnologia não deve ser vista como benigna ou maligna, fundamentalmente é uma ferramenta tanto quanto a linguagem. Com essa aliada, a literatura ganhou muito, ao poder disponibilizar para os jovens os gêneros em formato diferenciado pela internet e a escola precisa usufruir disso. Acredita-se que a internet possa ampliar o número de leitores, pois contemplar *pixels* na tela é encantador, mais ainda é o poder da interação, do estado emocional do corpo no ato da leitura pelo meio digital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões propostas, o que se constata é que através da técnica o leitor se depara com um novo modo de leitura, são “expressões estéticas que se adequam aos signos da contemporaneidade dialogando com a poesia. Lirismos reconfigurados em meio ao belo extraído de equações matemáticas, num sistema binário que faz do belo um resultado de feixes de luz a bailar numa tela” (VIEIRA, 2017, p. 198). Tenha-se presente conforme descrito por Tavares (2010, p. 98) que “o poema digital não representa uma experiência alienígena como algo

---

de uma ficção científica, mas algo presente no mundo e convergente com tantas outras criações que a precederam”. Nessa interação constante que é previamente pensada pelo autor “as palavras são também gestos do meu corpo. E todo gesto do meu corpo é também um ato expressivo” (TAVARES, 2010, p. 108). Seguindo a linha desse autor, posicionar as palavras e observar onde se pode mexer no poema é uma prática de leitura da obra muito similar a leitura das palavras. Mesclam-se palavras e atos e com eles o sujeito toca e é tocado. Sendo assim, é possível considerar esses poemas digitais como aliados na formação do leitor jovem, sedento pela tecnologia e ávido por aprender por meio dela.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIO, Jorge Luiz. *Artemídia e cultura digital*. São Paulo: Musa Editora, 2008.
- ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira. *Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens*. UFMG. Belo Horizonte, 2016.
- CARVALHO, Audrei Aparecida Franco de. *Poesia concreta e mídia digital*. Dissertação do Mestrado de Comunicação e Semiótica-Signo e Significação das mídias. PUC, SP, 2007.
- COUTO, Edvaldo Souza; *Ler e escrever na cultura digital: rotas, nexos e redes móveis*. In: ROSING (Org.). *Literatura e Identidade na era da mobilidade*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.
- DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. *Hiperleitura e esrileitura: convergência digital, Harry Potter, cultura de fã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.
- FERREIRA, Ana Paula. *Espaço e poesia na comunicação em meio digital*. 2010. 361 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- HAYLES, Katherine N. *How we think: Digital Media and Contemporary Technogenesis*. The University of Chicago Press, 2012.
- IRBY, Cameron Lee. *Ensinando Literatura Eletrônica: Métodos e Integração*. 2018. f. Tese (Doutorado em Artes, Educação e Ciências) - Universidade de Louisiana, Monroe, 2018.
- KIRCHOF, E. R. *Hipertexto e ensino: a poesia digital*. In: AnpedSul 2008 -VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul: Pesquisa em Educação e inserção social, 2008, Itajaí (SC). VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - Pesquisa em Educação e inserção social. Itajaí (SC): UNIVALI, 2008.
- LAIN, Suzana Maria. *Poesia na rede: a palavra no meio do caminho de um território mutante*, 2013, Porto Alegre, universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

LANGER, Judith A. *Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino de literatura*. Tradução Luciana Lhullier Rosa, Maria Lúcia Bandeira Vargas. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA JÚLIOR, Arnaud S. *Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual*. Quartet, RJ, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. Linguagem & Ensino (UCPel), Pelotas - RS, v. 4, 2001.

NELSON, Theodor Holm. *Literary Machines*. 83.1. Sausalito, Califórnia, EUA: Mindful Press, 1993.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. Por uma poesia algorítmica. Experiências estéticas com Peter's Haiku Generator. *AletriA*, v.23, n.3, p. 173-194, set.-dez.2013.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SALES, C. de M.V. Juventudes, novas experimentações, conexões e interatividade. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2011, Curitiba. *Anais*. Campinas Curitiba, jan. 2009.

SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da Linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Leituras de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itá Cultural, 2003.

TAVARES, Otávio Guimarães. REVISTA CALIBAN. *As Visceras do Amor de Clarice*. Dez 22, 2017. <http://telepoesis.net/dialogos.html>.

TORRES, Rui. *Poesia digital: cruzamento de linguagens*. Entrevista via Skype. MESA 3 – Leitura, literatura e linguagens: novas topografias textuais. Com Alckmar Luiz dos Santos, Ana Elisa Ferreira Ribeiro e Renata Loureiro Frade. Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens. 16ª Jornada Nacional de Literatura, org. Universidade de Passo Fundo (UPF) e Prefeitura de Passo Fundo, RS, Brasil, 2017.

VIEIRA, Flaviano Maciel. *Como ler poéticas digitais-perspectivas de leituras*. UFPB, João Pessoa, Paraíba, 2017.

WITTE, Bernd. *A escrita na era de sua reprodutividade eletrônica*. In: COUTO, Edvaldo, Souza; DAMIÃO, Carla (Orgs.). *Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade*. Salvador: Quarteto, 2008.

---

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymar, 2009.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 09 de fevereiro de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 20 de julho de 2021.